



**CÉREBRO QUE APRENDE, CORAÇÃO QUE
RESPEITA: gestão escolar e neurociência no
enfrentamento ao bullying¹**

GODOY, Luciana C. – SESI-SP²
MORGUETTO, Aline – SESI- SP³

¹ Relato de experiência apresentado pelas autoras em Comunicação Oral, durante o III CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SESI-SP – 2025.

² GODOY, Luciana C. luciana.godoy@sesisp.org.br

³ MORGUETTO, Aline. aline.morguetto@sesisp.org.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar a experiência de implementação do projeto *Multiplicadores/as do respeito: juntos/as contra o bullying*, desenvolvido em uma das unidades escolares da rede SESI-SP, com foco na prevenção e conscientização das violências escolares, especialmente o bullying e o cyberbullying. A proposta articula práticas de gestão educacional que valorizam o protagonismo estudantil, a construção coletiva do saber e a corresponsabilidade entre escola e comunidade. A metodologia adotada para implementação envolve formações temáticas com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, que atuam como multiplicadores/as junto aos/as estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, promovendo diálogos entre pares. Os encontros mensais contaram com profissionais convidados/as, como psicólogos/as, assistentes sociais e juristas, abordando aspectos emocionais, sociais e legais da violência escolar, em consonância com os princípios da neurociência da aprendizagem. As ações também previram extensão formativa às famílias, fortalecendo os vínculos escola-comunidade. O referencial teórico-metodológico está fundamentado na neurociência educacional, que evidencia como experiências emocionais influenciam diretamente os processos cognitivos e comportamentais dos estudantes. A proposta contempla ainda uma abordagem pedagógica transversal entre as disciplinas de Sociologia, Língua Portuguesa e Matemática, promovendo a transdisciplinaridade e o pensamento crítico. A análise dos resultados preliminares aponta elevado engajamento dos/as estudantes, maior abertura ao diálogo e indícios de redução de conflitos interpessoais. Conclui-se que o projeto contribui significativamente para a construção de uma cultura escolar pautada no respeito, na empatia e na convivência pacífica, promovendo um ambiente educativo mais seguro, inclusivo e conectado às demandas contemporâneas da gestão escolar, podendo ser replicável em outros contextos escolares.

Palavras-chave: bullying; neurociência educacional; protagonismo estudantil.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência foi elaborado em colaboração entre duas gestoras escolares, de uma unidade escolar do interior de São Paulo, evidenciando a articulação entre direção e coordenação pedagógica como eixo estratégico das ações voltadas à gestão para resultados de aprendizagem. A experiência tem origem na análise de uma problemática identificada no início do ano letivo de 2025, durante o planejamento das ações estratégicas para o ano letivo em curso, em uma escola SESI do interior do estado de São Paulo, localizada em uma cidade de aproximadamente 25 mil habitantes.

A unidade escolar atende cerca de 540 estudantes, abrangendo todos os anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e recebe estudantes de diferentes classes sociais, o que torna o ambiente escolar um espaço rico em diversidade e convivência. Tal contexto permitiu refletir sobre desafios e possibilidades para aprimorar o clima escolar e promover aprendizagens significativas, considerando práticas de gestão integradas e fundamentadas em evidências da neurociência.

Apesar dos esforços institucionais para construir um ambiente acolhedor, a equipe gestora ao analisar os dados da Relatório Contextual de 2024, constatou um cenário preocupante: 63,3% dos/as estudantes relataram vivenciar situações de bullying. Esse dado revelou vulnerabilidades emocionais e relacionais que também estão refletidos em registros de atendimentos cotidianos da equipe escolar; fatos e dados que exigiam respostas integradas e sustentadas pela gestão escolar.

Sabemos que essa constatação compromete não apenas o bem-estar dos/as estudantes, mas também sua capacidade de aprender e se desenvolver integralmente, exigindo ações fundamentadas em evidências científicas — como as da neurociência e da gestão escolar — para enfrentar as causas e consequências da violência escolar. Soma-se a isso o desafio de enfrentar violências e preconceitos que muitas vezes têm raízes fora da escola — nas famílias, nas redes sociais e na cultura local — exigindo ações articuladas ao fortalecimento dos vínculos com a comunidade.

No bojo desta problemática, estudos da neurociência educacional, revelam-nos que experiências emocionais negativas, como a exposição à violência, afetam diretamente o funcionamento cerebral de crianças e adolescentes, comprometendo habilidades como atenção, memória, autorregulação e empatia (SILVA; SANTOS; SANTOS, 2024). Ambientes inseguros ativam respostas de estresse que dificultam a aprendizagem e favorecem comportamentos impulsivos. Por outro lado, contextos escolares emocionalmente seguros estimulam circuitos neurais ligados à convivência pacífica e ao desenvolvimento socioemocional, modulando funções cognitivas fundamentais para o desempenho acadêmico como atenção, memória e tomada de decisão (SOUZA; TRAJANO, 2025).

Diante desse cenário, entendemos que integrar os conhecimentos da neurociência à prática pedagógica poderia ser essencial e estratégico para prevenir a violência escolar, promovendo vínculos saudáveis, cultura de paz e aprendizagem significativa. Emergiu, portanto, a necessidade de pensar uma solução em projeto permanente de enfrentamento prevenção ao bullying que fosse assertivo, situado e bem fundamentado, com foco específico na causa raiz do problema levantado na unidade escolar. Deste modo, a construção do projeto se orientou a partir da seguinte inquietude das gestoras: como reduzir o bullying e promover um clima escolar que favoreça aprendizagens significativas, fortalecendo vínculos com a comunidade?

Assim, este relato pretende descrever como ocorreu o processo de implementação do projeto *Multiplicadores/as do Respeito: juntos/as contra o bullying*, o qual teve início em 2025. A proposta foi estruturada com base na metodologia PDCA e fundamentada em princípios

da neurociência e da gestão colaborativa, buscando promover o protagonismo estudantil e incorporar reflexões sobre a realidade concreta de estudantes e suas famílias.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO *MULTIPLICADORES/AS DO RESPEITO: JUNTOS/AS CONTRA O BULLYING*

A violência escolar, embora amplamente discutida no debate público, ainda carece de estudos aprofundados no Brasil, especialmente no que diz respeito à prevenção e ao enfrentamento desse fenômeno. A partir de uma revisão sistemática acerca da temática, Silva e Assis (2018) apontam que muitas iniciativas de prevenção às violências, ainda se limitam a definições interpessoais de violência. A partir da análise dos estudos levantados, pensando prevenção, as pesquisadoras propõem a adoção de abordagem interdisciplinar e intersetorial, que considere o contexto sociocultural das escolas e envolva diferentes profissionais, visando ações mais eficazes e duradouras.

Neste sentido, consideramos que a violência escolar, manifestada em práticas como o bullying e o cyberbullying, não pode ser compreendida apenas a partir de características individuais dos/as estudantes ou de suas relações interpessoais. Trata-se de um fenômeno complexo, profundamente enraizado nas estruturas sociais e nas dinâmicas institucionais que moldam o ambiente escolar. Nesse sentido, o estudo de Crochík et al. (2018) contribui significativamente ao evidenciar a presença de uma dupla hierarquia nas escolas: a oficial, pautada pelo desempenho acadêmico, e a não oficial, sustentada por atributos como popularidade, habilidades físicas e relacionamentos interpessoais.

Essas hierarquias coexistem e se reforçam ao longo da trajetória escolar, influenciando a formação dos sujeitos e contribuindo para a reprodução de desigualdades e práticas excludentes. A hierarquia não oficial, em especial, está frequentemente associada à legitimação de relações de poder entre pares, favorecendo comportamentos agressivos e dinâmicas de dominação que se expressam no bullying. Tal constatação reforça a necessidade de compreender o fenômeno como parte de um sistema que valoriza a competição e o mérito individual, em detrimento da solidariedade e da inclusão.

As contribuições de Crochík et al. (2018) reforçam o estudo de Silva, Vilela e Oliveira, (2024) que analisa como os marcadores sociais — gênero, raça e nível socioeconômico — influenciam o envolvimento de estudantes do 9º ano do ensino fundamental com o bullying. Os autores — ao analisarem dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015 associado a modelos estatísticos — indicaram nos resultados que o bullying tende a reproduzir hierarquias de status, especialmente econômicas: alunos de maior poder aquisitivo tendem a ser agressores, enquanto os de menor renda são mais vitimizados.

Em outro estudo, também considerando os dados da PeNSE, Malta et al. (2022) apontam que, embora tenha havido redução na prática do bullying entre 2015 e 2019, a vitimização permanece elevada, especialmente entre meninas, estudantes de escolas públicas e adolescentes de 13 a 15 anos. O estudo destaca que os principais motivos para as agressões são aparência física e cor ou raça, revelando a necessidade de ações educativas voltadas à valorização da diversidade. Além disso, o cyberbullying desponta como uma forma crescente de violência, agravada pelo contexto da pandemia. Os autores defendem a atuação multissetorial, com destaque para o papel do profissional de saúde na atenção primária, e reforçam a importância de políticas públicas integradas à promoção da saúde escolar e alinhadas à Agenda 2030 da ONU.

No âmbito legal, no Brasil destaca-se a aprovação da Lei 14.811/2024, que determina que os municípios adotem protocolos de proteção no ambiente escolar e promovam a formação

de educadores/as. Em articulação com estados e União, a legislação prevê sanções para casos de bullying, inclusive virtual, responsabilizando adultos, adolescentes e seus responsáveis, fortalecendo a rede de cuidado às infâncias e juventudes. Além disso, conforme o parágrafo único do artigo 3º da referida lei:

(...) os protocolos de medidas de proteção à violência contra a criança e o adolescente nos estabelecimentos educacionais ou similares, públicos ou privados, deverão prever a capacitação continuada do corpo docente, integrada à informação da comunidade escolar e da vizinhança em torno do estabelecimento escolar (BRASIL, 2024).

Assim, diante da complexidade estrutural do problema, antes mesmo de definir estratégias para a redução do bullying em nossa escola, buscamos respaldo na literatura científica para compreender as expectativas dessa intervenção, com relação aos resultados esperados para nossa escola. Deparamo-nos com a meta-análise conduzida por Gaffney, Ttofi e Farrington (2018) revelou que programas de prevenção ao bullying podem reduzir a perpetração em até 19% e a vitimização em cerca de 16%. Os autores destacam que abordagens abrangentes — que envolvem toda a comunidade escolar, combinam ações educativas, monitoramento e suporte socioemocional — apresentam maior efetividade na transformação do clima escolar e redução das violências.

Diante dos dados, tornou-se evidente que, para além da necessária aplicação do Regimento Escolar e demais procedimentos institucionais no monitoramento e punição de agressões, seria urgente pensar em ações locais mais amplas e preventivas, voltadas a todos e todas. Isso implicou na construção de estratégias visando a promoção do pertencimento, diálogo intergeracional e o fortalecimento dos vínculos comunitários, reconhecendo que a escola, como espaço de formação integral, que precisa estar conectada às realidades e potências do território. O ponto de partida, portanto, foi compreender que o combate ao bullying e às violências escolares exige mais do que campanhas pontuais: requer ações permanentes e integradas à rotina pedagógica.

Em termos práticos, em uma escola que busca excelência em seus processos, o ciclo PDCA surge como uma bússola potente para trilhar esse caminho, conectando o planejamento de ações à execução consciente e ao monitoramento comprometido dos resultados. Nesta visão, como método de trabalho, utilizamos o ciclo Plan-Do-Check-Act (PDCA), pois coadunamos com Murici e Chaves (2016), que o uso consistente do método, e as ferramentas aderentes, são essenciais para identificar com precisão as causas profundas de problemas – sejam de ordem socioemocional e/ou da aprendizagem – permitindo que as soluções sejam mais eficazes e duradouras.

3. RESULTADOS PRELIMINARES DO PROJETO

De acordo com Murici e Chaves (2016) a fase de Planejamento (P) requer a busca do conhecimento necessário para a solucionar o problema e alcançar a meta estabelecida, buscando com clareza o contexto no qual a escola está inserida. Desse modo, além da contextualização e análise do problema, apresentada anteriormente, a fase de elaboração do plano de ação considerou também a Teoria da Escolha, proposta pelo psiquiatra americano William Glasser (2002), o qual propõe diferentes formas de interação com os conteúdos no processo de ensino-aprendizagem impactam diretamente a retenção do conhecimento. Segundo ele, aprendemos cerca de 10% ao ler, 20% ao ouvir, 30% ao observar, 50% ao ver e ouvir, 70% ao discutir, 80% ao praticar e até 95% ao ensinar. Ou seja, na teoria proposta aprendemos mais quando estamos

ensinando.

Corroborando com a perspectiva, representada na chamada Pirâmide da Aprendizagem, que reforça a importância de metodologias ativas e experiências significativas na promoção de aprendizagens integradas ao desenvolvimento socioemocional, Souza e Trajano (2025, p. 11) também reforçam que “a neurociência educacional oferece insights valiosos sobre como o cérebro aprende e se desenvolve, sendo essencial na formulação de abordagens pedagógicas que levem em conta os processos cognitivos e emocionais dos estudantes.”

O processo diagnóstico, que envolveu escuta ativa — considerando ambos processos (cognitivos e emocionais) — e análise dos dados, seguida de estudo teórico e delineamento de estratégias de ação, culminou no projeto que denominamos de *Multiplicadores/as do respeito: juntos/as contra o bullying*, composto por duas principais frentes de ação: a primeira voltada à formação dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio e de seus professores/as mentores/as; e a segunda, voltada à multiplicação desses aprendizados junto às turmas do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental no contraturno.

Convergindo com os dados levantados pelas pesquisas, que indicam maior incidência de bullying entre adolescentes de 13 a 15 anos, a escolha das turmas de 1º ano para atuarem como multiplicadores/as baseou-se em dois critérios: o elevado número de registros reincidentes de atendimentos cotidianos e a maior disponibilidade para atividades no contraturno. Os/as estudantes participaram de formações conduzidas por profissionais da comunidade local — como psicólogos/as, assistentes sociais e juristas — que abordaram dimensões emocionais, sociais e legais da violência escolar. Posteriormente, os/as multiplicadores/as, organizados em agrupamentos produtivos, foram encarregados de replicar os conhecimentos adquiridos junto aos/as estudantes mais jovens, utilizando uma linguagem acessível e estratégias lúdicas, como jogos e dinâmicas interativas, favorecendo o diálogo entre pares, protagonismo juvenil e a construção coletiva de uma cultura de respeito e prevenção.

Com o início da execução (D), a escola se mobilizou para colocar em prática o que havia sido planejado. As rodas de conversa criaram espaços significativos de diálogo e reflexão, aproximando os/as jovens de temas sensíveis e fortalecendo vínculos entre as diferentes faixas etárias. O cronograma do projeto previu encontros mensais ao longo de todo o ano letivo, envolvendo os/as estudantes e docentes responsáveis, com início em 7 de abril — data que marca o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência nas Escolas —, reforçando um marco do compromisso da escola com a promoção de uma cultura de paz e respeito mútuo. Nesta data, as gestoras apresentaram o propósito do projeto, o cronograma e os agrupamentos de estudantes e os temas designados para cada grupo.

Para os/as estudantes do ensino médio, as atividades do projeto articularam-se transversalmente às disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, mas tendo como eixo central de discussão e aprofundamento a Sociologia, a qual favoreceu a abordagem crítica e reflexiva sobre os fenômenos da violência escolar e suas implicações sociais, emocionais e legais, a partir de expectativas de aprendizagens previstas diretamente no componente curricular.

No componente curricular de Matemática, por exemplo, o tema foi explorado com os/as estudantes contextualizado ao estudo de função exponencial e progressão geométrica, com o objetivo de problematizar a velocidade com que informações se disseminam nas redes sociais. A abordagem partiu da análise de casos reais envolvendo conteúdos considerados exemplos de *cyberbullying*, especialmente aqueles atravessados por marcadores sociais como gênero, raça e nível socioeconômico. A partir dessa contextualização, os/as estudantes foram convidados/as a realizar cálculos e discutir os impactos da propagação exponencial de conteúdos violentos, refletindo sobre as implicações éticas e sociais do compartilhamento digital.

Os/as estudantes se envolveram com entusiasmo, assumindo papéis de liderança e colaboração, o que tornou o aprendizado mais efetivo e significativo. As ações se desenrolaram

de forma orgânica: enquanto aprendiam também ensinavam, e o respeito foi sendo incorporado às atitudes cotidianas. O ambiente escolar passou a refletir a mudança de postura dos/as alunos/as, e as relações se tornaram mais colaborativas e acolhedoras.

Ao longo do desenvolvimento, a equipe gestora verificou (C) de perto as atividades, observando resultados e registrando percepções para compreender o alcance do projeto. Esse acompanhamento sistemático foi essencial para avaliar os impactos reais da proposta e identificar os pontos que precisariam ser ajustados. As observações mostraram avanços claros: o diálogo entre os/as estudantes se tornou mais frequente, as situações de conflito passaram a ser resolvidas com mais tranquilidade e as turmas demonstraram maior sensibilidade ao lidar com as diferenças. Essa etapa de verificação reforçou o valor da iniciativa e evidenciou o potencial do protagonismo estudantil como ferramenta de transformação do clima escolar.

Ao concluir o primeiro semestre de 2025, a equipe pedagógica iniciou um processo reflexivo sobre os avanços e desafios enfrentados, reconhecendo a necessidade de reorientar (A) algumas estratégias, devido ao tempo e novas demandas. Nesse contexto, o lançamento de um programa institucional voltado à implementação de um núcleo de *juventudes em diálogo* representou um marco significativo. A iniciativa institucional potencializou as ações já desenvolvidas pelas turmas do 1º ano do Ensino Médio, ampliando sua abrangência com a inclusão de novos/as representantes indicados/as pelas demais turmas, conforme diretriz do programa. O núcleo passou a atuar como espaço estruturado de escuta ativa entre pares, promovendo ações pontuais que valorizam o protagonismo juvenil e fortalecem a cultura participativa na escola. Essa mobilização evidencia a capacidade da instituição de articular práticas pedagógicas inovadoras com políticas de cuidado e prevenção, reafirmando seu papel como agente transformador na promoção de ambientes escolares mais inclusivos, democráticos e sensíveis às demandas contemporâneas da juventude.

Assim, o uso do PDCA como metodologia mostrou-se fundamental para sustentar o processo de melhoria contínua, permitindo analisar criticamente o que funcionou bem e o que pode ser aprimorado. A partir das observações e registros coletados, surgiram propostas de ajustes, como a ampliação da formação dos/as multiplicadores/as, o aprofundamento dos temas tratados e o fortalecimento da participação das famílias nas discussões.

Esse primeiro ciclo revelou que o respeito não se ensina apenas por meio de orientações ou campanhas, mas se constrói na convivência diária, nas oportunidades de fala e escuta, e nas experiências compartilhadas. Ao aplicar o ciclo PDCA como método, foi possível planejar com intencionalidade, agir com propósito, acompanhar com atenção e replanejar com base nas evidências. O projeto representou um exercício coletivo de aprendizagem, protagonismo e reflexão, que abriu caminho para uma nova cultura de convivência. Mais do que um projeto, o *Multiplicadores/as do respeito: juntos/as contra o bullying* tornou-se um movimento em construção, um convite permanente para que toda a comunidade escolar viva, pratique e renove o respeito todos os dias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada com o projeto *Multiplicadores/as do respeito: juntos/as contra o bullying* permitiu responder de forma situada e estratégica à questão central que orientou sua construção: como reduzir o bullying e promover um clima escolar que favoreça aprendizagens significativas, fortalecendo vínculos com a comunidade? Os resultados preliminares indicam que a articulação entre gestão escolar, neurociência educacional e protagonismo estudantil constitui uma resposta potente e replicável. A formação de um contexto escolar emocionalmente seguro, conforme apontado pela literatura, foi favorecida por ações que estimularam vínculos afetivos,

escuta ativa e convivência respeitosa entre pares. Ao mesmo tempo, o projeto problematizou as dinâmicas escolares que reforçam a valorização da competição e do mérito individual, propondo alternativas que promovem a solidariedade, a inclusão e o reconhecimento das diversidades. A atuação dos/as estudantes como multiplicadores/as, aliada ao uso do ciclo PDCA, demonstrou que a gestão escolar, quando integrada e intencional, pode transformar o cotidiano educativo e contribuir para a construção de uma cultura de paz.

5. REFERÊNCIAS

CROCHÍK, José Leon; DIAS, Marian Ávila de Lima; FRELLER, Cintia Copit; CORREA, Alex Sandro; CORREIA, Rodrigo Nuno Peiró. **Hierarquias escolares: desempenho e popularidade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 44, e167836, 2018. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/ep/article/view/143525>>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201710167836>. Acesso em: 12 set. 2025.

GAFFNEY, H.; FARRINGTON, D. P.; TTOFI, M. M. **Evaluating the effectiveness of school-bullying prevention programs: an updated meta-analytical review.** Aggression and Violent Behavior, v. 45, p. 111–133, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.001>. Acesso em: 12 set. 2025.

GLASSER, W. **Teoria da escolha: uma nova psicologia de liberdade pessoal.** Brasil: Mercuryo, 2002.

MURICI, Izabela Lanna; CHAVES, Neuza Maria Dias. **Gestão para resultados na educação.** 2. ed. Nova Lima: FALCONI Editora, 2016.

SILVA, Cíntia Santana e; VILELA, Elaine Meire; OLIVEIRA, Valéria Cristina de. **Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 50, e264614, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450264614>>. Acesso em: 30 out. 2025.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. **Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 44, e157305, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-9702201703157305>>. Acesso em: 12 set. 2025.

SILVA, Margareth Aparecida; SANTOS, Cláudia Lilian Alves dos; SANTOS, Antocleia de Sousa. **A neurociência e a educação: abordagem sobre memória e emoções no processo de aprendizagem.** Educação, v. 49, 2024. Disponível em: <DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644472088>>. Acesso em: 30 out. 2025.

SOUSA, Amanda Castelhão; TRAJANO, Valéria da Silva. **A influência das emoções no processo ensino-aprendizagem: uma revisão integrativa sobre neurociência e ensino.** SciELO Preprints, Fundação Oswaldo Cruz, 2025. Disponível em: <DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11165>>. Acesso em: 12 set. 2025.